



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

ATITUDE TRANSDISCIPLINAR E A POÉTICA DO CONHECER

Vera Lessa Catalão ¹

Magda Pereira Pinto ²

Danielle Abud ³

Juliana Campos ⁴

Sonia Glauca Costa ⁵

Verônica Gomes ⁶

RESUMO: A visão cartesiana de compreensão da realidade cria uma relação de distanciamento e separação entre ser humano e natureza, resultando em um conhecimento científico reducionista, limitante e fragmentado. Esse artigo propõe refletir sobre a construção de uma atitude transdisciplinar por meio da ética, da percepção poética e da formação do sujeito ecológico, delineando algumas percepções que podem compor as bases de uma epistemologia da transdisciplinaridade. A compreensão da realidade de forma mais ampla e complexa, com diferentes níveis de realidade e com a lógica do terceiro incluído, permite abertura para a participação do sujeito no processo de construção do conhecimento, com toda sua efetividade e afetividade multidimensional. A existência poética nos convoca a refletir sobre os caminhos a seguir rumo à atitude transdisciplinar como sujeitos ecológicos, religando nossa existência à do Planeta e do Cosmos. Através desta percepção, que fortalece a compreensão da complexidade do universo e das relações do sujeito, e do enlace existente entre o potencial do ser humano, as transformações da sociedade e a consciência planetária, um novo diálogo pode ser construído baseado na solidariedade entre seres humanos e mundo - natureza.

Palavras-chave: atitude transdisciplinar, complexidade, ética, estado poético, sujeito ecológico.

¹ Professora Doutora da Faculdade de Educação e orientadora do artigo – Universidade de Brasília – UNB – CEP 70904-970 – Brasília-DF / Brasil – vera.catalao@terra.com.br

² Doutoranda em Educação Ambiental e Ecologia Humana – Universidade de Brasília – UNB – CEP 70904-970 – Brasília-DF / Brasil – magdaunb@yahoo.com.br

³ Especialista em Desenvolvimento Sustentável e Direito Ambiental – Universidade de Brasília – UNB – CEP 70904-970 – Brasília-DF / Brasil – dani_abud@hotmail.com

⁴ Mestranda em Educação – Universidade de Brasília – UNB – CEP 70904-970 – Brasília-DF / Brasil – ju.ocampos@gmail.com

⁵ Mestranda em Educação – Universidade de Brasília – UNB – CEP 70904-970 – Brasília-DF / Brasil – sonia.g.costa@hotmail.com

⁶ Mestre em Sociologia – Universidade de Brasília – UNB – CEP 70904-970 – Brasília-DF / Brasil – veronicagomes9@yahoo.com.br

ABSTRACT: The Cartesian view trying to understand reality creates a distant and separated relationship between human being and nature, resulting into a classic scientific knowledge which is reductive, limited and fragmented. This article proposes a reflection about building a transdisciplinary attitude throughout ethics, poetical perception and ecological human being formation, showing some perceptions that can be part of the new paradigm basis of transdisciplinarity. The comprehension of reality in a broader and more complex manner, with different reality levels and the third-included logic, permits an open door to build knowledge with full participation of the researcher with all his/her multidimensional effectiveness and affection. The poetical existence invites us to think about which ways to follow towards a transdisciplinary attitude as ecological human beings, re-attaching our essence to existence in the Planet and the Cosmos. Throughout this perception, which enhances the universe complexity comprehension and human being relations, and the link between human potential, society changes and planetary consciousness, a new dialogue can be built based on solidarity between human beings and world-nature.

Keywords: transdisciplinary attitude, complexity, ethics, poetical perception, ecological human being.

INTRODUÇÃO

O conhecimento científico não é melhor do que outros, ele é complementar a outros saberes. O conhecimento científico clássico é limitante, reducionista, não admite o conhecimento de forma mais ampla, com suas conexões fundamentais, não admite a complexidade das coisas. Seguindo essa lógica a proposta disciplinar trabalha com fragmentos da realidade, num nível linear e limitado. É algo descritivo e matemático, numa lógica objetificante. Contudo, existem várias dimensões de realidade, como a cultura, a visão biológica, a visão da física, da moral, da ética. São dimensões indissociáveis, tudo está conectado. A abordagem transdisciplinar abordada neste trabalho, toma como base a Carta da Transdisciplinaridade produzida no I Congresso Mundial de Transdisciplinaridade 1994, realizado em Arrábida, Portugal sob a chancela da UNESCO e em colaboração com o Centre International de Recherches et d'Études transdisciplinaires (CIRET).

Na perspectiva dos pesquisadores do CIRET, a transdisciplinaridade não significa apenas que as disciplinas colaboram entre si, mas que existe um pensamento organizador que as ultrapassa. No Artigo 3 da Carta da transdisciplinaridade é dito que o pensamento transdisciplinar não procura o domínio sobre várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa.

Nesse sentido, as ciências humanas têm revisto essa forma de pensar, dando novo enfoque para as reflexões e práticas em relação à realidade. Nessa busca por uma epistemologia diferenciada, podemos verificar entre outras perspectivas, a participação do sujeito em relação à construção do conhecimento. Na descrição de Moraes, observamos como essa nova proposta insere o sujeito de forma mais abrangente, considerando sua complexidade:

Um outro aspecto importante a ser considerado e que influencia as nossas práticas pedagógicas é o reconhecimento de que o sujeito aprendiz participa do seu processo de construção do conhecimento com toda sua inteireza, com toda sua multidimensionalidade, ou seja, com todo os seus sentimentos, afetos e emoções. (...) com toda sua história de vida impregnada em sua corporeidade, em sua memória, e sem separar o mental do físico, o fato da fantasia, a razão da emoção, o passado do presente e do futuro. (MORAES, 2008, p.41)

Se por um lado temos a proposta disciplinar, onde os fenômenos são vistos de forma linear e local, na visão transdisciplinar temos uma proposta de compreender os fenômenos de forma mais ampla, dialética e complexa.

O objetivo primordial da transdisciplinaridade é a compreensão do mundo presente, destacando como foco principal a unidade do conhecimento. A pesquisa disciplinar clássica diz respeito a um único nível de realidade, geralmente determinada por uma lógica binária que percebe a realidade de forma fragmentada e linear. Contrário a essa postura, a transdisciplinaridade privilegia uma dinâmica gerada pela ação de vários níveis de realidade e é movida por três pilares principais: os níveis de realidade, a lógica do terceiro incluído e a complexidade, onde estes fundamentos permearão a metodologia da pesquisa transdisciplinar. (NICOLESCU, 2000). As pesquisas da Física Quântica mostram que no mundo das partículas atômicas a lógica do terceiro incluído emerge e subverte a lógica binária.

Nesse sentido, esse artigo propõe destacar algumas vertentes que fundamentam a transdisciplinaridade e busca por meio da ética, dos pressupostos de um novo paradigma, da percepção poética e da formação do sujeito ecológico, descrever algumas percepções que podem compor as bases desse novo pensamento. Aborda também as bases ontológicas e epistemológicas de dois paradigmas dialeticamente em confronto: o positivista e o ecossistêmico.

Assume o conceito de ética no sentido de conduta e morada e aborda a atitude transdisciplinar como uma postura que articula e acolhe o nosso duplo pertencimento ao biológico e ao social. Estabelece quais as diferenças entre comportamento e atitude, descrevendo a importância da atitude que vincula-se ao sistema de crenças e valores do sujeito e desenha a postura de uma pessoa diante da realidade.

Para além das disciplinas, trouxemos a existência poética como um rico instrumento da relação do sujeito com o todo, com a vida. Segundo Morin (2003), a poesia faz parte do amor da vida. Amor e poesia engendram-se mutuamente e identificam-se um com o outro. O pensamento complexo admite e estimula a importância da dimensão poética e propõe o contato do sujeito com a emoção, a afetividade e com um imaginário criativo que cria e recria sem cessar o nosso universo simbólico.

Para finalizar, apresentamos a formação do sujeito ecológico numa perspectiva transdisciplinar buscando verificar como a atitude transdisciplinar pode contribuir para a formação do sujeito ecológico. A dimensão poética é abordada como criadora do humano e aflora nas narrativas da história de vida de cada uma das autoras, buscando acima de tudo privilegiar a formação do sujeito ecológico transdisciplinar a partir da subjetividade de cada uma.

Poesia, ética, psicologia, história de vida, corpo, mente entre outras tantas dimensões que não podemos mais calar, que não podemos mais negar, nessa complexidade maravilhosa do ser humano. A epistemologia transdisciplinar, ancorada em um pensamento complexo é algo que nos convida para ir além dos limites de uma visão positivismo tão arraigada em nossa cultura científica e a renegar todas as formas de sujeição dos seres humanos e da natureza e seus processos vitais. A racionalidade complexa reconhece os limites da razão e abre-se ao diálogo com o que a transcende.

ÉTICA E TRANSDISCIPLINARIDADE

Quando falamos de valores e atitudes em relação à vida, estamos nos referindo à nossa relação com a natureza interna e externa, nossa relação com todos os seres, animados e inanimados, falamos necessariamente de ética. Afinal o que é ética? O que determina nossa conduta diante da vida?

De acordo com Marcondes (2006), foi Aristóteles em *Ética a Nicômaco* que formulou para o pensamento ocidental a noção de ética, sendo que essa noção é uma referência até os dias de hoje. De acordo com este autor, a ética é um estudo sistemático sobre os valores e princípios que regem a ação humana e essa ação é a todo momento avaliada em relação aos seus fins. Mas também podemos descrever a ética no sentido de morada e abrigo.

De acordo com Boff (2000) a palavra ética vem do grego (*ethos*), é uma palavra que expressa dois sentidos, conforme a utilização do E (maiúsculo) *Ethos* ou e (minúsculo) *ethos*. Nesse sentido *Ethos* é o estudo sistemático sobre os valores e princípios que regem a ação humana e *ethos* tem o sentido de morada, abrigo (de todos os seres). A morada enraíza o Ser na realidade, dando segurança e bem estar diante do mundo, da vida. Nesse sentido de morada, o trecho da carta do chefe indígena da etnia Seattle é bastante elucidativo:

Essa água brilhante que escorre nos riachos e rios não é apenas água, mas o sangue de nossos antepassados. Se lhes vendermos a terra, vocês devem lembrar-se de que ela é sagrada, e devem ensinar às suas crianças que ela é sagrada e que cada reflexo nas águas límpidas dos lagos fala de acontecimentos e lembranças da vida do meu povo. O murmúrio das águas é a voz de meus ancestrais.

Reforçando esse duplo sentido da palavra ética, Taylor (2000, p.66) aborda também a dupla grafia da ética *Ethos* e *éthos* como morada, abrigo de todos os seres. Refere-se ao espaço de contemplação de si e do seu ambiente, o que o permite o autoconhecimento para o reconhecimento do outro. O autor descreve “*éthos como feminino como uma morada interior, em que o tempo é vivido de dentro para fora*” e *Ethos* como o *habitat* coletivo, os costumes, regulamentos e valores que prescrevem as maneiras de viver no que chamamos de sociedade.

Ainda nesse contexto de morada, podemos citar o sentido de ecologia, eco do grego (*oikos*) que também significa casa. A ecologia, portanto, é o estudo da moradia e das relações de todos os seres vivos no planeta Terra, enquanto a ética (*ethos*) refere-se à morada no sentido simbólico que define o humano e suas relações, duplamente enraizada nas dimensões biológicas e culturais. A maneira de habitar o mundo é muito mais uma questão ontológica que moral, “um novo *ethos* passa por uma mutação radical na compreensão de quem somos.” (Unger, 1991:78).

Para Heidegger (1969) “devemos respeitar todos os seres não porque se assemelham a humanos ou porque são valorizados ou úteis para os humanos, mas porque são aquilo que são”. Nesse pequeno parágrafo podemos identificar alguns valores que sinalizam uma outra postura diante da vida. Quando Heidegger aponta “*não porque se assemelham a humanos ou porque são valorizados ou úteis para os humanos*”, essa fala traduz uma visão crítica dos pressupostos do paradigma cartesiano que distanciam o ser humano da natureza, criando uma relação de distanciamento e separatividade.

Apontamos aqui apenas três pressupostos da visão cartesiana que motivam a fala de Heidegger em relação ao cartesianismo: o dualismo (que concebe separadamente sociedade e natureza) o antropocentrismo (que defende a superioridade do ser humano em relação às demais espécies vivas) e a objetificação (onde a natureza é vista apenas como um objeto inanimado, apenas como um instrumento a mercê das necessidades humanas). Nessa perspectiva a realidade é tida como algo objetivo, linear, que exclui uma ótica complexa e multidimensional do real.

Contemporaneamente outros paradigmas surgem em contraposição à hegemonia do pensamento positivismo e da lógica cartesiana. A visão complexa tem sido destaque para

Morin (2005) e outros autores que acreditam que as lentes das culturas implicam diferentes pressupostos para a compreensão da vida em sua complexa teia de interações.

Na perspectiva eco-sistêmica, a realidade é complexa, dinâmica, relacional, indeterminada, não-linear, difusa, mutável, e imprevisível. A realidade é constituída de processos globais, integradores, não lineares e auto-eco-organizadores. Uma realidade multidimensional, que se constitui a partir de diferentes níveis: macrofísico, microfísico e virtual, onde há uma intensa interrelação de realidades complexas. (MORAES & VALENTE, 2008).

Como percebemos, a ética é o que define as bases epistemológicas de nossas relações na busca de conhecimento. Nesse sentido, a perspectiva epistemológica é uma forma de compreender e explicar como conhecemos, o que sabemos, como se constrói um determinado conhecimento, mas o sentido de cada ação e o reconhecimento de qual o nosso lugar na intrincada teia da vida depende de uma postura ética. Para Unger (1991:71) “é de fundamental importância a construção de uma ética que nos permita viver harmoniosamente sobre a Terra, e que se baseie no sentido de respeito e cordialidade pela Terra e por seus habitantes.”

De acordo com Sandin-Esteban *apud* Moraes (2008), nosso legado filosófico, nossas bases epistemológicas e o que sustenta as nossas atitudes podem percebidos em quatro grandes paradigmas preponderantes: positivista, interpretativo, sóciocrítico e o paradigma emergente eco-sistêmico e complexo. Desta forma, cada paradigma representa seus fundamentos e suas explicações a respeito da dinâmica do real. Como consideramos anteriormente, fomos e ainda somos influenciados pelas bases do paradigma cartesiano e pela epistemologia positivista. No modelo positivista/mecanicista, temos uma visão fragmentada do Cosmos que repercute em uma visão reducionista da vida e do papel do ser humano.

Para uma melhor compreensão dos pressupostos que direcionam esses paradigmas, enfocamos apenas o positivista e o eco-sistêmico, com o propósito de comparar os fundamentos epistemológicos e axiológicos que determinam cada paradigma. Por meio do quadro construído por Moraes (2008), apresentamos um resumo das perspectivas ontológicas e epistemológicas desses dois paradigmas tão relevantes para iluminar nossas atitudes a partir de uma visão de mundo complexa e compreensiva.

Perspectivas teórico-epistemológicas

Perspectivas Dimensões	Positivista (empírica, racionalista e clássica)	Eco-sistêmica (construtivista, interacionista, sociocultural, afetiva e transcendente)
Ontológica (conhecimento do ser, é a parte da filosofia que trata da natureza do ser, da realidade, da existência dos entes)	Realidade objetiva, estável, uniforme, homogênea, dada, fragmentada e previsível. Explicação científica de natureza causal, determinista e reducionista.	Realidade dinâmica, difusa relacional, indeterminada e não linear, contínua/descontínua; imprevisível. Realidade construída pela relação S/O. Diferentes níveis de realidade (emerge como totalidade integrada). Complexidade constitutiva da realidade, do pensamento e da ação.

Perspectivas Dimensões	Positivista (empírica, racionalista e clássica)	Eco-sistêmica (construtivista, interacionista, sociocultural, afetiva e transcendente)
Epistemológica (estuda a origem, a estrutura, os métodos e a validade do conhecimento)	Base Epistemológica: Empirismo de natureza dualista e objetivista. Conhecimento objetivo, quantitativo, mensurável e incontestável. Separação S/O. Sujeito passível, neutralidade do sujeito. Processo Epistemológico: regular, ordenado, progressivo, determinado pela ordem.	Sujeito e objeto ecologicamente indissociáveis e interdependentes. Somente existe objeto em relação ao sujeito que o observa, que pensa; co-criação de significados. Destacam-se os mecanismos de inter-relação, de auto-organização, de emergência, entre outros. Resgata a biopsicossociogênese do conhecimento humano. Conhecimento inscrito na corporeidade humana.

A pesquisa transdisciplinar, que privilegia outras noções éticas, leva-nos a repensar os pressupostos que temos utilizados para integração da razão com a intuição, do imaginário

com o concreto e da sensibilidade, emoção e criatividade ao ato de conhecer. Moraes & Valente (2008, p.62), reforçam esta concepção ao afirmar que assim “*teremos maiores chances de conhecer o universo afetivo do outro, o seu imaginário, a sua sensibilidade, os seus sistemas de valores, os seus símbolos e mitos, bem como alguns comportamentos e atitudes mais sensíveis*”.

O pensamento eco-sistêmico e complexo como um dos pilares da transdisciplinaridade não se realiza sem uma atitude igualmente transdisciplinar capaz de reconhecer na multiplicidade do real um desafio epistemológico: não existe caminho único para a o conhecimento, nem verdade única sobre nada. O respeito à alteridade torna-se necessário por sermos diversos e complementares, a diferença para além da divergência, nos une.

A ATITUDE TRANSDISCIPLINAR

Diante do aumento e fragmentação das disciplinas acadêmicas que inviabilizam uma visão holística do homem; da ascensão da tecnociência através da lógica da “*eficácia pela eficácia*”; da concentração do conhecimento nas mãos de uma parcela ínfima da humanidade, perpetuando as desigualdades produzidas pela acumulação e usufruto do conhecimento em benefício de poucos, a transdisciplinaridade surge como necessidade para superar estes desafios do mundo contemporâneo e acenar para um ecologia de saberes que redefina o papel do conhecimento científico na construção do conhecimento. A via transdisciplinar depende fundamentalmente da emergência de uma atitude transdisciplinar.

Antes de definirmos o que vem a ser atitude transdisciplinar torna-se necessário diferenciar atitude de comportamento. Atitude diz respeito aos sistemas de valores e crenças que serão internalizados como cosmovisões e orientarão as decisões e posicionamentos de cada sujeito no mundo. Pressupõe o “*desenvolvimento de capacidades e sensibilidades para identificar e compreender os problemas*” (CARVALHO, 2008, p. 181), problemas estes relativos às diversas áreas de interesse e também ao comprometimento na tomada de decisões. As atitudes podem ou não ser preditivas dos comportamentos, pois existe com frequência dissonância entre “*o que penso*” e “*o que faço*”.

Os comportamentos, por sua vez, se referem às ações observáveis, que se efetivam na prática, e que podem estar em consonância total ou parcial com as atitudes do sujeito, uma vez que as “*ações humanas são multideterminadas, e há muitos fatores em jogo na relação entre atitudes e comportamentos*” (CARVALHO, 2008, p. 177). Desta forma, é possível

afirmar que o sujeito que manifesta um comportamento transdisciplinar, não é, necessariamente, dotado de uma atitude transdisciplinar. É preciso compreender se uma ação foi gerada pela desejabilidade social, baseada na contextualização de cada situação, ou se realmente houve internalização de valores referentes à transdisciplinaridade. A dupla noção de *éthos e Ethos* nos ajudam a compreender esta dissonância ou consonância entre atitude e comportamento.

A dissonância entre atitude e comportamento apresenta-se como um dos maiores desafios dos processos educativos, uma vez que a indução ou mudança de comportamentos nem sempre se coaduna com a formação de uma atitude ecológica, de uma atitude cidadã, ou de uma atitude transdisciplinar. Assim, é também um desafio compreender o mundo por meio das lentes da transdisciplinaridade, pois atitudes e comportamentos passarão por fases, etapas, ou momentos de choques na transição do exercício desse novo olhar.

Segundo Schuler (2005, p.5), se quisermos seguir os princípios da Transdisciplinaridade “*mais do que sabermos sobre Transdisciplinaridade, temos que aprender a manter uma atitude coerente com esses princípios*”. E se essa atitude não pode evoluir até uma nova forma de comportamento espontaneamente demonstrado e reconhecido nos atos cotidianos, a Transdisciplinaridade corre o risco de cair no ralo dos modismos acadêmicos. Para que não seja inócua, uma postura transdisciplinar possui orientação coerente em qualquer situação e deve buscar a compreensão planetária com maior abertura, diálogo e tolerância:

Nessa perspectiva, a aprendizagem passa por caminhos bem diferentes daqueles da relação estímulo-resposta e da aquisição de comportamento, sendo o aprender entendido como um ato cultural, sempre contextualizado, inserido em um universo simbólico dos sentidos sociais, individuais e coletivos, em que o próprio da ação humana é atribuir sentidos à realidade (CARVALHO, 2008, p. 185).

Por outro lado, cultivar essa nova atitude não é simples, pois existe “*uma grande defasagem entre as mentalidades dos atores de uma determinada civilização e as necessidades internas de desenvolvimento de um tipo de sociedade*” (NICOLESCU, 2000, p. 134). É o novo que ainda convive com o velho e, nessa sobreposição de mentalidades, precisamos alinhar nosso discurso e nossa ação para que se coadunem realmente com a adoção de uma visão transdisciplinar. Assim será possível ir além da simples adaptação ao que já estamos acomodados a ser e fazer.

A visão transdisciplinar implica em heterogeneização, pressupõe pluralidade complexa e unidade aberta das culturas, das religiões e dos povos que habitam o Planeta Terra. Assim, a atitude transdisciplinar considera “*tanto o pensamento como a experiência interior, tanto*

ciência quanto a consciência, tanto a efetividade quanto a afetividade” (SCHULER, 2005, p. 5). Trata-se então de criar pontes na diversidade, laços entre os diferentes por meio de linguagens que propiciem o diálogo, o entendimento e a ampliação da consciência coletiva. É na busca da harmonia, entre o espaço exterior da efetividade fruto da nossa ação no mundo e o espaço interior da afetividade que intensifica o elo que nos liga ao todo (NICOLESCU, 2000, p. 133), que se revela a necessidade da dimensão poética da existência.

A atitude transdisciplinar faz parte de um processo de construção compartilhada do conhecimento, e, pela sua essência, nunca se pode esgotar em si mesma por semear a busca da compreensão da complexidade da nossa relação com o mundo e da nossa existência. Nesse caminho, esta nova atitude procura basear-se em três aspectos fundamentais: rigor, abertura e tolerância. Sob a ótica de Nicolescu, o rigor é:

Antes de mais nada, o rigor da linguagem na argumentação baseada no conhecimento vivo, ao mesmo tempo interior e exterior, da transdisciplinaridade” (...) O rigor da transdisciplinaridade é da mesma natureza do rigor científico, mas aprofunda-o ainda mais, na medida em que leva em conta todos os dados presentes numa dada situação, não apenas as coisas, mas também os seres e sua relação com outros seres e coisas” (...) O rigor é também a procura do lugar certo em mim mesmo e no Outro, no momento da comunicação. (NICOLESCU, 2000, p. 132)

Ao comportar a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível, a abertura da transdisciplinaridade implica na *“recusa de todo dogma, de toda ideologia, de todo sistema fechado de pensamento”*. A certeza absoluta é uma simplificação do conhecimento e uma redução das possibilidades da pesquisa. Pelo contrário, a abertura *trans* está inscrita na cultura do eterno questionamento e considera as respostas como temporárias, reconhecendo-as como parte de uma espiral em constante reconstrução. Por fim, a tolerância é *“a constatação e a aceitação de que existem idéias e verdades contrárias aos princípios fundamentais da transdisciplinaridade”* (NICOLESCU, 2000, p.133), pois acredita-se que preconceitos são uma ameaça ao pensamento transdisciplinar e que todo conhecimento é complementar com o objetivo de compor a visão de uma realidade sob diferentes ângulos.

No diálogo entre o objeto transdisciplinar, que reconhece os diferentes níveis de realidade, e o sujeito transdisciplinar, que produz diferentes níveis de percepção, forma-se a nossa gradual capacidade de integrar e interagir com diferentes realidades e percepções, não somente pela cognição, mas pelos sentidos, sensações e emoções inerentes à subjetividade de cada ser humano.

Os nossos sentidos abrem as portas da percepção, mas é a sensibilidade poética que constrói o sentido do que percebemos. Na abordagem transdisciplinar, é a relação poética com o mundo que possibilita a emergência da congruência entre pensar e sentir, entre as nossas

atitudes e nossa visão de mundo, entre nossas práticas cotidianas e os processos educativos, entre sujeito e objeto na construção do conhecimento.

Reconhecer que a realidade é complexa, multidimensional e multirreferencial, formada de vários níveis onde *"nenhum nível constitui um lugar privilegiado de onde possamos compreender todos os outros níveis de realidade"* (NICOLESCU, 2000, p.61), gera uma compreensão holística dos fenômenos. É através dessa visão holística, do pensamento sistêmico, e da humildade em reconhecer que nossas percepções são limitantes para compreensão da complexidade da interdependência multidimensional, que começamos a intensificar a construção de uma atitude transdisciplinar. A transdisciplinaridade reconhece o que *"está entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina"* (NICOLESCU, 2000, p. 2). Para além, está o estado poético do ser.

A EXISTÊNCIA POÉTICA

Edgar Morin (2005b), principal teórico do conceito de complexidade, reconhece a importância do estado poético, como um estado de emoção, afetividade e um estado de espírito que se alcança a partir de certo limite de intensidade na participação, na excitação e no prazer. O autor descreve que é um estado que pode ser alcançado na relação com o outro, na relação comunitária, na relação imaginária ou estética. É através do reconhecimento da nossa relação com o mundo exterior e do autoconhecimento da nossa essência interior, que construímos o interconhecimento como processo de diálogo com o mundo visando à abertura e evolução de consciência.

Esta inter-relação implica a superação dos limites impostos pela racionalidade instrumental na nossa sociedade moderna rumo à educação integral do ser humano, para formação de um novo sujeito, privilegiando a auto-reflexão e o reconhecimento da nossa realidade multidimensional. Um processo de aprendizagem no qual este novo sujeito possa se perceber *"como parte dessa mudança societária e a compreende como uma revolução de corpo e alma, ou seja, uma reconstrução do mundo que inclui o mundo interno e os estilos de vida pessoal"* (CARVALHO, 2001, p. 55). Uma nova educação para formar sensibilidades, produzir reflexões e estimular a consciência individual no contexto social e global. Toda subjetividade tem uma ancoragem coletiva, e não existe sociedade senão enraizada no sujeito.

O estado poético, *"dá-nos o sentimento de superar os nossos próprios limites, de sermos capazes de comungar com o que nos ultrapassa"* (MORIN, 2005, p.138). Este *"estado de emoções"* contribui para compreensão do imponderável, das relações do sujeito consigo

mesmo e das inter-relações do sujeito com a realidade externa. É através da percepção do enlace existente entre o potencial do ser humano, das transformações da sociedade e da consciência planetária que será possível um novo diálogo baseado numa “*nova aliança de solidariedade entre os seres, entre os próprios indivíduos, entre o indivíduo e o seu contexto, entre o ser humano e o mundo da natureza*” (MORAES, 2008, p. 134).

Por outro lado, para Morin (2005), o estado poético contém instantes prosaicos⁷, a simbologia da dualidade se faz presente em todos os momentos da vida, nos quais nem sempre agimos de acordo com nossa consciência em função da realidade multidimensional que influencia cada contexto do nosso cotidiano. Não há como ser diferente, pois o sujeito se constitui de racionalidade, mas também de emoção. “*O ser humano é capaz de considerar racionalmente a realidade que o cerca (...). mas o princípio da racionalidade só dá uma radiografia da realidade; não lhe dá substância*” (op.cit. p 121). A compreensão da necessidade de uma percepção multidimensional, de valores, de inteireza humana, de sentimentos e de poesia nos remete para a construção de conhecimentos mais abrangentes, profundos e diversificados, para além da linearidade e da fragmentação.

Assim, o estado poético deflagra o movimento para uma nova atitude voltada para a compreensão da complexidade do universo e das relações do sujeito. A atitude transdisciplinar por sua vez retroage nesse contexto, sustentando a mobilização da sensibilidade na formação de um sujeito transdisciplinar, que recria sem cessar novas maneiras de interagir com os elementos naturais e sociais ao seu redor. Um sujeito capaz de transformar suas próprias circunstâncias.”Criar condições para o surgimento de pessoas autênticas significa assegurar as condições para a máxima realização de suas potencialidades criativas”. (NICOLESCU, 2000, p.150).

Reconhecer o pensamento divergente, superar a rejeição ao desconhecido é fundamental ao cultivo de uma atitude transdisciplinar, o que demanda um esforço de religação que se afirma na abertura e na compreensão diante da diferença. Para Morin (2005a, p.104):

O excesso de separação é o lado perverso na ciência, pois torna impossível religar os conhecimentos. Para conhecer é preciso ao mesmo tempo, separar e ligar. O excesso de separação é perverso entre os seres humanos quando não é compensado pela união e pela solidariedade, a amizade e o amor.

A atitude transdisciplinar orienta-se ainda em direção a uma democracia cognitiva que reconhece o valor de todos os saberes para uma abordagem complexa e multirreferencial da

⁷ A prosa denota, precisa, define. Está ligada à nossa atividade racional – lógica – técnica. (MORIN, 2005, p. 136).

realidade. Reconhecer o saber do outro, em especial, os saberes de experiência feita é um ato político capaz de sustentar uma ecologia de saberes como propõe Boaventura Santos (2006).

A FORMAÇÃO DO SUJEITO ECOLÓGICO NUMA PERSPECTIVA TRANSDISCIPLINAR

Partimos do pressuposto que uma atitude transdisciplinar contribui no processo de construção do sujeito ecológico. O olhar transdisciplinar possibilita a percepção global do humano enquanto seres singulares, sociais, planetários e cósmicos, enquanto que uma nova atitude pode gerar comportamentos que, mesmo que nem sempre reflitam a nossa consciência evolutiva a cada momento, garante um vai e vem de acertos e erros que nos ajudam a orientar decisões sobre nossas escolhas de vida. Trata-se de um processo autoecopoiético aberto, histórico e transitivo.

Esse caminho que se faz ao caminhar configura um sujeito ecológico em constante construção, que vai experimentando, no dia-a-dia, atitudes e comportamentos rumo a “*um núcleo de crenças e valores que apontam para um jeito ecológico de ser, um novo estilo de vida, com modos próprios de pensar o mundo e, principalmente, de pensar a si mesmo e as relações com os outros neste mundo*” (CARVALHO, 2008, p. 65). Desde os “simpatizantes” até o sujeito ecológico ideal, observamos uma infinita gama de perfis ecológicos marcados pela subjetividade de cada ser humano, resultante da constituição singular do sujeito influenciado por crenças e valores compartilhados pela vivência histórica e coletiva de grupos sociais.

O sujeito ecológico, sempre em formação, busca congruência entre a *Ethos e ethos*, através de uma atitude transdisciplinar de pensar na natureza, no outro, nas relações cotidianas, na sociedade, no planeta e nas futuras gerações. E cada sujeito vivencia o ideal ecológico de forma diferenciada nas diferentes esferas da sua vida em função de fatores multidimensionais aplicados a cada espaço e convivência sócio-cultural, resultando em comportamentos em consonância ou dissonância total ou parcial com sua atitude de vida. É baseada na atitude calcada em novos valores e saberes que se “*pode construir ideais de convivência amistosa, respeitosa e prudente com o ambiente natural e social*” (CARVALHO, 2008, p. 137).

Para garantir a eficácia do processo de aprendizado, englobando a “*humanização das relações com a natureza e a ‘ecologização’ das relações sociais*” (CARVALHO, 2008, p. 141), precisamos sempre contextualizar o conhecimento para dar sentido à atitude e

comportamento do sujeito ecológico. Portanto, como exercício de integração entre os conceitos da atitude transdisciplinar e prática ecológica, as autoras deste trabalho realizaram uma reflexão sobre “O que é sujeito ecológico para mim?”, resgatando a memória e os traços mnêmicos que marcaram e resultaram na escolha do estudo do tema.

Em resumo, para algumas de nós, as sementes de uma atitude transdisciplinar para formação do nosso sujeito ecológico foram plantadas desde a infância e, para outras, foram sendo semeadas mais na fase adulta. Entretanto, todos os depoimentos trazem o contato com a natureza e o tempo remansado da contemplação como mediação pedagógica necessária.

Foi uma possibilidade de reler a própria história. Este é o sentimento que guardo quando começo a descrever pedaços do tempo guardados na minha memória. Um jeito de dividir lembranças, de descrever um cheiro de jasmim do quintal da casa que agora só mora em mim. Na varanda, a mesa grande, com um café que parecia querer almoçar, escutava histórias. Na maioria das vezes, o riso se embriagava por um longo tempo. A cadeira embalava os contos de minha avó, lendas, muitas lendas, as marcas do tempo enrugadas na face, refletiam sabedoria e respeito. Minha mãe, traços de delicadeza, pele morena, de infinita beleza, se fez forte, até a morte. Guardo na memória sonhos dela nunca realizados, alguns por mim concretizados, ao meu jeito, é claro! A riqueza de uma vida simples, casa de farinha, café torrado, banho de açude ou cacimba, vida no seringal, pupunha cozida, noite estrelada, manhã que chega cedo, Seringal Floresta, uma reserva com nome de líder, Chico Mendes, deu a minha vida um novo olhar, releitura, construção, desconstrução do jeito de pensar, ainda jovem mas com muitos sonhos. Talvez esteja aí, nesta relação com a floresta, no respeito pelos seringueiros, um deles meu avô Eugênio, que eu guarde, esse jeito de pensar o meu sujeito ecológico, em construção. Que se faz pela identidade dos que vivem em mim, por mim, por meus filhos e pela busca do que podemos fazer juntos, todos juntos, para estarmos em harmonia, com poesia é claro. É isso! (Danielle Abud)

Sinto que todos os dias tenho a possibilidade de construir o meu sujeito ecológico. Ando com passos de formiguinha, é verdade, mas estou a caminho. Desde pequena já tinha a preocupação, junto com meus colegas, em não machucarmos a árvore ao construir uma casa sobre ela e cuidar dos passarinhos que caíam dos ninhos. Cresci e tive a importante missão de mostrar aos meus pequenos estudantes que “o meio ambiente começa no meio da gente” (TT Catalão). Mais do que nunca tive que repensar a minha prática docente e ecológica: eu era referência para eles. E o mais maravilhoso nesta experiência foi aprender com eles também e perceber que, mesmo sempre morando na cidade como eu, eles já estavam instigados a cuidar da natureza. Ser um sujeito ecológico para mim é isto: cuidar do que está próximo de nós e procurar conhecer um pouco a cada dia, pois cada gesto é capaz de refletir no outro, aumentando a nossa rede de ações positivas para com o meio ambiente! (Juliana Campos)

Meu sujeito ecológico nasce da integração do contato com a natureza ainda na infância meu quintal era uma mata, onde eu, meus irmãos, amigos, brincávamos ao redor das árvores, minas d'água, longos corredores de chão batido ... ah, o frescor da mata úmida, olhar curioso sob os ninhos de pássaros, comer pitanga moranga, pitanga laranja, amora ... um nutrir intenso da alma. A partir dessa experiência tão rica e deliciosamente prazerosa, chega o ciclo da lagarta, descubro o que vai além do meu jardim, do meu pequeno paraíso ... e finalmente através da filosofia ... vai criatura, buscar os signos e significados da vida ... o porque degradamos tanto essa maravilhosa natureza que tanto nos proporciona alegria, prazer, amor ... nos nutre de tantas formas ... é pela ética que descubro o caminho acadêmico ... Ser\Natureza,

que conexões tão tênues, tão demens, tão sapiens ... afinal o que é tudo isso. Aprender e apreender ... aprendo a apreender, acho que sempre apreendi, agora com mais consciência ... enfim chego a ecologia profunda, tal como na infância, redescubro que a espiritualidade, que o sensível e invisível é a mola mestra que faz tudo ter sentido ... sinto, conecto ... meu olho, olha dentro do olho que me observa ... por um instante o tao da phisys, o tao da quântica. (Magda Pinto)

Ao pensar em sujeito ecológico, relembro minha infância e o contato diário com o mar naqueles dias em Recife. Trocar energia com aquela água, tomar banho de iodo e caminhar pela areia branca, sentar no calçadão e observar a beleza e o mistério das ondas revoltas em alguns momentos e de calmaria em outros ... A construção do meu sujeito ecológico perpassa, de forma importante, pela minha imersão espiritual na religiosidade de matriz africana, mais especificamente no candomblé de origem ketu. É lá que aprendo a olhar a natureza como a um ser, a respeitá-la no que pode nos dar, a pedir licença para adentrar suas matas, para mergulhar em seus rios, para conhecer os seus mistérios, para colher seus frutos e flores, para partilhar a beleza de seus arco-íres, pedras, animais - expressão dos orixás nas nossas vidas e dos valores sagrados que constituem a cosmovisão afro-brasileira do sagrado. (Verônica Gomes)

Acredito que o sujeito ecológico que busca harmonia entre natureza e homem começa na busca da harmonia interior como fonte de expressão na construção dos nossos relacionamentos com as pessoas, com a sociedade e com o ambiente. Ou seja, é como se a harmonização com o ambiente fosse uma consequência de uma evolução de consciência, de autoconhecimento, de amor próprio e expansão de uma energia positiva perante todos os aspectos da vida. Ao morar por dois anos no campo, sem energia elétrica, observava o ciclo da lua, dos animais (época do canto dos sapos, das cigarras, dos vagalumes, etc.), das plantas, do meu biorritmo ... num eterno movimento de ying-yang. Ser sujeito ecológico para mim é se renovar a cada ciclo, crescer a cada experiência, ser grato à vida, pedir licença, reciclar, respeitar a natureza, amar a diversidade humana, inclusive ter compaixão por aqueles que ainda não se comportam como sujeitos ecológicos, e sentir que antes de tudo somos todos seres planetários em constante e singular processo de evolução. (Sonia Costa)

Todos depoimentos revelam o papel dos sentidos e das emoções para uma compreensão do mundo, afinal “tudo que é humano comporta afetividade, inclusive a racionalidade (Morin, 2003:120) e segundo Damásio (1996) existe uma paixão fundando a razão. A visão de natureza é construída em uma trajetória existencial que reúne sensibilidade e cognição. As narrativas falam de cheiros, de cores, de sons e de conceitos que emergem na contemplação da vida cotidiana. São holísticas e singulares, contextualizam sem perder o foco no detalhe. Falam de uma totalidade aberta e polissêmica.

O resgate dessa historicidade pessoal na relação com o ambiente natural e social é um exemplo de como podemos contextualizar a formação do sujeito transdisciplinar a partir de cada subjetividade. Na reflexão poética da nossa relação com o mundo, é que construímos a possibilidade de dar um salto quântico rumo à atitude transdisciplinar, com o objetivo de maximizar comportamentos ecológicos, deixando de ser apenas ações pontuais, mas sim reflexo de uma atitude global. Entre o perfil ideal e o real, Morin nos recorda que:

O homem é racional (sapiens), louco (demens), produtor, técnico, construtor, ansioso, extático, instável, erótico, destruidor, consciente, inconsciente, mágico, religioso, neurótico ... todos esses traços cruzam-se, dispersam-se, recompõe-se conforme os indivíduos, as sociedades, os momentos, aumentando a inacreditável diversidade humana (MORIN, 2005, p. 63).

O reconhecimento da diversidade é inerente à atitude transdisciplinar, fazendo parte dos valores que permeiam a busca pela compreensão do mundo. O processo de educação voltado para a emergência de uma ética ecológica depende de uma educação integral do ser humano, através da valorização da sua singularidade, da integração intelecto-sensibilidade-corpo, da ação prática e da convivência grupal e social. A consciência da realidade universal infinitamente complexa, da qual somos parte, pode nos levar a refletir sobre nossa missão individual no todo e de como as atitudes e ações de cada um podem se somar no processo de evolução de consciência global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos a atitude transdisciplinar como um passo na superação da visão positivista, ainda arraigada em nossa cultura. Entretanto esta superação é um processo de construção cotidiana que faz emergir uma nova ótica e uma racionalidade sensível pautada em uma epistemologia de religação de saberes e uma ética transdisciplinar. A existência poética como parte desse novo paradigma nos convoca para o pensamento e o sentimento de ser parte de um todo e de ser, ao mesmo tempo, um todo na parte. Esse estado de consciência possibilita refletirmos constantemente sobre nossas atitudes e nossas ações, como sujeitos ecológicos, nos religando à nossa essência e existência no Planeta Terra e no cosmos.

A formação do sujeito ecológico, em constante e singular construção em cada um de nós, faz parte do desafio pela evolução de consciência e pela busca de congruência entre comportamento e atitude ecológica. Por meio de uma educação integral do ser humano será possível emergir uma sensibilidade poética de re-encantamento do mundo. O sujeito ecológico tem aí sua nascente e também a sua utopia, sinalizando uma nova geração de sujeitos que atuam como seres de mente-corpo-emoção, que desenvolvem seu potencial criativo associado ao sentimento solidário, respeitando as diversidades humanas e percebendo a natureza como sagrada por nos dar alento, água, alimento, abrigo, luz, sombra e beleza. A atitude transdisciplinar brota nesse processo de educação de sensibilidade e de formação de uma racionalidade eco-sistêmica que se abre a novos horizontes, além do prosaico, para que a dimensão poética possa emergir.

REFERÊNCIAS:

- BOFF, L. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre humanos*. Brasília: Letra Viva, 2000.
- CARVALHO, I. C. de M. *A invenção ecológica*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- CARVALHO, I. C. de M. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: 2008.
- DAMÁSIO, Antônio. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HEIDEGGER, M. *Sobre o problema do ser/o caminho do campo*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.
- MARCONDES, D. Aristóteles: ética, ser humano e natureza. In: *Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental*. Orgs. Isabel Cristina Moura de Carvalho, Mauro Grün e Rachel Trajber. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006.
- MORAES, M. C. & VALENTE J. A. *Como pesquisar em educação a partir da complexidade e da transdisciplinaridade*. São Paulo: Paulus, 2008.
- MORAES, M. C. *Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI*. Petrópolis RJ: Vozes, 2008.
- MORIN, E. *O método5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- _____. *O método 6 : Ética*. Porto Alegre: Sulinas, 2005a.
- _____. *Terra Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 2005b.
- _____. *Amor, poesia e sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- NICOLESCU, B. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 1999.
- NICOLESCU, B et al. *Educação e Transdisciplinaridade I*. Brasília: Unesco, 2000.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do tempo: por uma nova cultura política*. São Paulo : Cortez, 2006.
- SCHULER, M. *Transdisciplinaridade: o que é isto?* Porto Alegre: UFRG, 2005.

TAYLOR, Paul. A ética universal e a noção de valor in *Educação e transdisciplinaridade*, Nicolescu Basarab et al. Brasília:UNESCO, 2000, p 57-81.

UNGER, Nancy Mangabeira. *O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1991.